

# RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NOS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NA REDE EDUCACIONAL ADVENTISTA

**Relationship between Science and Religion in the Writings of Ellen G. White and the Implications for Science Teaching in Adventist Education Network**

*Wellington Gil Rodrigues<sup>1</sup>*

*Antônia Mariana Barbosa de Cristo<sup>2</sup>*

*Jéssica Renata Ponce de Leon Rodrigues<sup>3</sup>*

## RESUMO

O presente artigo objetivou a analisar as relações entre ciência e religião nos escritos de Ellen White e as possíveis implicações dessas relações sobre o ensino de ciências praticado pelos professores de ciências adventistas da rede adventista de ensino. Os principais autores que fundamentaram esse trabalho foram Barbour (2004); Douglass (2001) White (1992; 1996; 2004; 2007; 2008). A abordagem da pesquisa foi qualitativa, os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada, a qual teve como sujeitos sete professores de religião autodeclarada adventistas e que atuam como professores de ciências da rede adventista de ensino na região do recôncavo baiano e em Salvador - Ba. Posteriormente os conteúdos das entrevistas foram transcritos e em seguida submetidos a uma análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que as relações entre ciência e religião nos escritos de Ellen G. White tendem a ser ambivalentes apontando em direção a uma relação de harmonia mas também para uma relação de conflito. Os professores demonstraram terem em alta consideração tanto a ciência (quando ela concorda com suas crenças religiosas) como a leitura literal da Bíblia e a interpretação bíblica contida nos escritos de Ellen G. White. Eles tendem a tentar resolver o dilema entre o seu papel de professores de ciência (o que inclui o ensino da teoria evolucionista) e suas crenças religiosas criacionistas através da liberdade desfrutada no seu contexto de trabalho, o qual permite uma discordância e até negação da explicação evolucionista para as origens e também através da utilização da própria ciência para comprovar a perspectiva criacionista por meio da ênfase na complexidade da vida e do universo, o que para

---

1 Doutorando no Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História da Ciência (UFBA); Professor de Ciência e Religião na Faculdade Adventista da Bahia e Coordenador do Núcleo de Estudos em Ciência e Religião (NECIR). E-mail: wellgil2000@hotmail.com.

2 Pedagoga, Faculdade Adventista da Bahia.

3 Acadêmica do curso de psicologia da Faculdade Adventista da Bahia.

eles aponta não para o acaso e necessidade, mas para o desígnio de um Deus criador todo inteligente e todo poderoso.

**PALAVRAS-CHAVE:** ENSINO DE CIÊNCIAS. RELIGIÃO. ELLEN G. WHITE. ESCOLA ADVENTISTA.

### ABSTRACT

This article aimed to analyze the relationship between science and religion in the writings of Ellen White and the possible implications of these relations on science teaching practiced by Adventist science teachers in the adventist school network. The main authors that supported this work were Barbour (2004), Douglass (2001), White (1992, 1996, 2004, 2007, 2008). The research approach was qualitative, the data were collected through a semistructured interview, which took seven teachers as subjects who work as science teachers in the adventist school network in the region of the reconcavo bahiano and Salvador - Ba. Subsequently the contents of the interviews were transcribed and then subjected to an analysis of content. The results showed that the relationship between science and religion in the writings of Ellen G. White tends to be ambivalent pointing toward a harmonious relationship but also a relationship of conflict. Teachers have shown a high regard both science (when it agrees with your religious beliefs) as a literal reading of the Bible and biblical interpretation contained in the writings of Ellen G. White. They tend to try to resolve the dilemma between the role of science teachers (including the teaching of evolutionary theory) and their religious beliefs (including creationism) through the freedom enjoyed in their work context, which allows a disagreement and even denial of the explanation through the evolutionary theory and also through the use of science itself to prove the creationist perspective by emphasizing the complexity of life and the universe, which points to them not to chance and necessity, but for the design of a creator God all intelligent and almighty.

**KEYWORDS:** SCIENCE TEACHING. RELIGION. ELLEN G. WHITE. ADVENTIST SCHOOL.

## INTRODUÇÃO

Os adventistas do sétimo dia (ASD's) administram hoje a segunda maior rede de escolas particulares confessionais do mundo, eles contam atualmente com 7.804 instituições de ensino – entre escolas faculdades e universidades – e um total de mais de 1.673.828 estudantes e 84.997 professores (IASD, 2011). Essa rede de ensino está em franca expansão no Brasil e mesmo hoje em pleno século XXI ainda estão fortemente comprometidos com uma visão tradicional da interpretação do texto bíblico<sup>4</sup> o que gera alguns conflitos com a interpretação científica atual especialmente nos temas sobre as origens da vida (evolução x

---

<sup>4</sup> Apesar de já surgirem alguns focos de divergência sobre a manutenção da interpretação literal do relato do Gênesis principalmente entre cientista e acadêmicos adventistas no ambiente acadêmicos dos EUA.

criação), idade do planeta Terra e origem do Universo.

E é exatamente aqui que surge a grande pergunta para o educador em ciências que compartilha da perspectiva religiosa adventista, ou seja, como conciliar a perspectiva científica com a sua perspectiva religiosa?

Para muitas religiões, cientistas e professores de ciências religiosos essa pergunta não é de maneira alguma problemática, pois eles já encontraram maneiras de acomodar essas duas perspectivas<sup>5</sup>. No entanto, para os professores de ciências das escolas adventistas essa continua a ser uma pergunta extremamente importante e ela pode ser refeita de uma maneira mais específica da seguinte forma: Como conciliar uma educação que tem por fundamento uma leitura literal do Gênesis com o consenso científico em torno do relato evolucionista o qual fundamenta a versão oficial das origens nos livros didáticos de ciências?

Nesse dilema em que se encontram os professores de ciências da rede adventista o principal fator responsável pela manutenção da visão criacionista na Igreja Adventista e, por conseguinte na rede educacional adventista é a crença de que os escritos de Ellen G. White (EGW) detém o status de inspirados, ou seja, que ela escreveu sob a inspiração de Deus e de que por isso o conteúdo de seus escritos tem a característica de verdadeiros e de servirem de guia para as crenças dos adventistas do sétimo dia e incluindo-se aí suas crenças sobre as origens da humanidade. Entender quem foi EGW, qual a relação que seus escritos de EGW mantêm com a Bíblia, qual a relação entre ciência e religião que transparece em seus escritos, de que modo os professores de ciências da rede adventista compreendem esses escritos e quais as possíveis implicações dessa compreensão sobre o ensino de ciências na rede adventista de ensino, constituem-se nos objetivos deste trabalho de pesquisa.

---

<sup>5</sup> Ver o “The Clergy Letter Project” assinado por mais de 10.000 líderes de igrejas cristãs <http://www.theclergyletterproject.org/>.

## QUEM FOI ELLEN G. WHITE?<sup>6</sup>

Ellen Gould Harmon nasceu em Portland, Maine (EUA) em 26 de novembro de 1827 em um período muito intenso de efervescência religiosa, ela como muitos outros assistiram e aceitaram a mensagem do advento pregada pelo missionário Guilherme Miller e aguardava confiantemente o retorno de Jesus em 1843/44 e veio a sofrer um amargo desapontamento em 22 de outubro de 1844 quando a tão esperada volta de Jesus à Terra não aconteceu. Após aquilo que ficou conhecido na história do adventismo como o “grande desapontamento” os adventistas começaram a duvidar de sua experiência espiritual anterior e começaram a duvidar e a dispersar. Nesse contexto, Ellen Harmon buscou a Deus em oração e teve a sua primeira visão a qual é relatada na obra *Primeiros Escritos* (pp. 13-20), a partir daí ela passou a viajar e pregar um novo entendimento das profecias que levaram o movimento adventista a aguardar o retorno literal de Cristo à Terra em 1844. Em agosto de 1846 ela se casa com um jovem pregador adventista chamado Tiago White e assume o nome pelo qual ficou conhecida desde então, Ellen G. White. O movimento se organiza em 1863 com o nome de Igreja Adventista do Sétimo Dia, indicando a sua crença no breve retorno de Cristo e também na restauração dos dez mandamentos com uma ênfase especial no sábado bíblico e consequentemente um comprometimento com uma leitura literal das Escrituras Sagradas e especialmente do Gênesis.

Ela veio a falecer em Santa Helena (Califórnia, EUA) em 16 de julho de 1915 deixando para trás um imenso legado de realizações. Os adventistas do sétimo dia creem que Ellen G. White foi uma profetisa e que seus escritos foram inspirados por Deus para guiar o movimento adventista até o cumprimento da promessa do retorno de Cristo. Ela foi uma escritora prolífica e hoje em dia graças às compilações de suas mais de 100.000 páginas escritas, estão disponíveis mais de 100 livros em inglês e 70 livros em português nos quais ela discorre sobre variados tópicos tais

<sup>6</sup> As informações biográficas aqui apresentadas foram retiradas de sites oficiais da Igreja Adventista: [www.centrowhite.org.br](http://www.centrowhite.org.br); [www.whiteestate.org](http://www.whiteestate.org).



Atualmente existem várias tipologias para se abordar a questão das relações entre ciência e religião. A principal delas é a hoje já clássica tipologia quádrupla de Barbour (2000) o qual propõe quatro tipos principais: Conflito, Independência, Diálogo e Integração, onde o *Conflito* implica na existência de uma oposição fundamental entre essas duas grandes matrizes de explicação da realidade. A *Independência* surge como uma possível solução ao conflito, pois interpreta que não há razão para haver conflitos já que ciência e religião têm objetos de estudo (ciência – como; religião – porque) e linguagem diferentes (ciências – linguagem técnica; religião – linguagem emotiva, moral). O *Diálogo* surge nas fronteiras do campo científico com o religioso (ou vice versa), ou seja, nas questões limite, onde a ciência pode chegar, mas não ultrapassar e aí a religião encontra um lugar para trabalhar (Ex. de questões limite: O que é vida? Quando o ser humano está realmente morto? Etc.). E a *Integração* propõe uma parceria mais íntima às vezes remodelando crenças religiosas em função de descobertas científicas (Ex. abandono do fixismo por parte dos criacionistas) ou inspiração e motivação científica por conta de pressupostos religiosos.

Por sua vez McGrath (2005, p. 67), apresenta dois modelos principais de relação entre ciência e religião: modelos de confronto e modelos de diálogo. Nos *modelos de confronto* a predominância é a luta e o conflito entre duas religião e ciências naturais. Nesse modelo existem dois grupos principais: por um lado temos os religiosos fundamentalistas que não aceitam a teoria da evolução como explicação legítima para a origem do homem e, por outro lado, os cientistas ateístas que consideram a teoria da evolução como a prova da inexistência de Deus.

Nos *modelos de diálogo* o que é característico é a ausência de qualquer ideia de conflito entre essas duas disciplinas, McGrath (2005, p. 67) apresenta dois tipos de relações dentro dos modelos de diálogo, a *convergência* e a *distinção*. Caracterizando a categoria de convergência entre ciência e religião ele afirma que,

São inúmeros os teólogos cristãos ocidentais que acentuam a ideia de que “toda verdade é verdade de Deus”. Baseados nessa premissa, acolhem com satisfação os avanços e desenvolvimentos da compreensão científica do universo, acomodando-os à fé cristã. Tal atitude exige inevitavelmente ajustes no conteúdo da fé em diversos pontos.

Como exemplo de que ciência e religião são convergentes, McGrath cita a teologia do processo<sup>7</sup>, a qual para ele é “um bom exemplo da forma de um pensamento religioso disposto a adaptar a tradição cristã às descobertas das ciências naturais” (p. 68).

A categoria de *distinção* acentua a divergência em cada uma nas áreas da ciência e religião. McGrath (2005) apresenta como exemplo dessa categoria o pensamento do teólogo Karl Barth<sup>8</sup> para o qual “as ciências naturais não exercem influência alguma sobre o cristianismo. Não podendo ser utilizadas para apoiar nem para contradizer a fé, uma vez que a ciência e a teologia atuam a partir de pressupostos bastante diferentes” (p. 68). Essa categoria corresponde à categoria da independência na tipologia de Barbour (2004, p. 32-33), o qual usa como exemplo a neo-ortodoxia protestante cujo teórico principal é Karl Barth, a qual

[...] tem defendido uma separação mais explícita entre ciência e religião, procurando recuperar, dos tempos da reforma, a ênfase na centralidade de Cristo e na primazia da revelação, ao mesmo tempo em que aceita inteiramente os resultados da moderna exegese e pesquisa científica bíblica [...] a esfera principal da ação de Deus é a história, e não a natureza. Os cientistas são livres para prosseguir com seu trabalho sem a interferência da teologia e vice-versa, uma vez que seus métodos e objetos de estudos são totalmente diversos.

Portanto compreendemos que existem vários modelos que tentam explicar as relações entre ciência e religião, entretanto entendemos que essa relação é muito complexa e que qualquer modelo proposto ficará aquém da realidade dessa relação, no entanto, utilizaremos esses modelos para tentar entender por aproximação qual é a perspectiva adotada por EGW e posteriormente pelos professores de ciências da rede adventista.

## RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

<sup>7</sup> Derivada da filosofia do processo de Whitehead, a qual busca reformular as concepções religiosas adequando-as a uma visão evolucionista do mundo. (Barbour, 2004)

<sup>8</sup> Teólogo protestante suíço, conhecido como o criador da teologia dialética do século XX.

## NOS ESCRITOS DE EGW

Dado que a rede adventista de ensino está em franco crescimento e que a visão criacionista das origens humanas e a criação recente da Terra conforme apresentados nos escritos de EGW estão em conflito direto com praticamente todas as ciências atuais é importante entender qual é a visão das relações entre ciência e religião em EGW.

A compreensão tradicional dos adventistas do sétimo dia (ASD's) sobre as relações entre a ciência e a revelação bíblica é resumida por EGW na seguinte declaração,

Deus é o fundamento de todas as coisas. Toda verdadeira ciência está em harmonia com Suas obras; toda verdadeira educação conduz à obediência ao Seu governo. A ciência desvenda novas maravilhas à nossa vista; faz altos vôos, e explora novas profundidades; mas nada traz de suas pesquisas que estejam em conflito com a revelação divina. (WHITE, 2007, pág. 115).

142

Em que está fundamentada essa perspectiva de harmonia entre ciência e religião para EGW? Na visão de que a ciência (conhecimento sobre a natureza) e a religião (revelação divina) procedem do mesmo autor, o Criador, ou seja, ela faz uso da metáfora dos dois livros de Deus (natureza e revelação bíblica) para demonstrar que não pode haver conflito real entre ciência e revelação,

Aquele que conhece a Deus e a Sua Palavra por experiência pessoal tem uma firme fé na origem divina das Santas Escrituras. Tem provado que a Palavra de Deus é a verdade, e que a verdade não se pode nunca contradizer a si mesma. [...] Sabe que, na verdadeira ciência, nada pode haver que esteja em contradição com o ensino da Palavra; uma vez que procedem ambas do mesmo Autor, a verdadeira compreensão delas demonstrará sua harmonia. (WHITE, 2004, p. 462).

Talvez para a maioria seja surpreendente que uma igreja considerada fundamentalista tenha essa visão de harmonia entre ciência e religião, no entanto, de acordo com Hess (2003) a história demonstra que existe uma longa tradição de utilização da metáfora dos dois livros de Deus, ou seja, que o conhecimento de Deus pode ser derivado do livro das escrituras e do livro da

natureza, isso pode ser visto desde os pais da Igreja (Ireneu, Tertuliano) passando pela Idade Média (Sabundo), época da Reforma (Lutero, Calvino) e Revolução Científica (Bacon, Galileu, Newton) até entrar em decadência no século XIX.

No entanto, a relação entre esses dois livros variou ao longo do tempo, por exemplo, na visão de Galileu em questões sobre a natureza, o livro da natureza tem precedência sobre a revelação bíblica, ou seja, diante de uma verdade estabelecida pela ciência que está em contradição a uma determinada leitura do livro da revelação o dever do teólogo é reinterpretar a escritura para acomodar seu sentido ao sentido verdadeiro descoberto pela ciência. Já para Calvino a leitura do livro da natureza deve ser corrigida pela leitura da escritura, visto que a razão humana está enfraquecida pelo pecado, Hess (2003). Parece-nos que EGW está muito próxima dessa linha de pensamento Calvinista.

Estas pessoas [que não creram no relatório do Gênesis] perderam a simplicidade da fé. Deve haver uma fé estabelecida na autoridade divina da santa Palavra de Deus. A Bíblia não deve ser provada pelas ideias científicas de homens. O saber humano é um guia indigno de confiança. Céticos que leem a Bíblia com o fim de cavar, podem, mediante uma compreensão imperfeita, quer da ciência quer da revelação, pretender achar contradições entre elas; mas, corretamente entendidas, estão em perfeita harmonia. Moisés escreveu sob a guia do Espírito de Deus; e uma teoria correta de geologia nunca terá a pretensão de descobertas que não possam conciliar-se com suas declarações. Toda a verdade quer na natureza quer na revelação, é coerente consigo mesma em todas as suas manifestações. (WHITE, 2007, p. 114).

Essa defesa de uma harmonia entre as verdades da ciência e da revelação implica em dizer que para EGW não existem contradições entre o conhecimento obtido da natureza conforme interpretado pela ciência e o conhecimento obtido por meio da revelação contida nas escrituras? E o que dizer das teorias científicas quanto à idade da Terra e da evolução do homem? Como harmonizar visões tão díspares? Primeiramente, vamos mostrar um tipo de entre ciência e Bíblia que é criticada por EGW,

Inferências erroneamente tiradas dos fatos observados na natureza têm dado lugar a supostas divergências entre a ciência e a revelação; e nos esforços para restabelecer a harmonia, tem-se adotado interpretações das Escrituras que solapam e destroem a força da Palavra de Deus. [...] Deveríamos, a fim de dar explicação às Suas obras, fazer violência à Sua palavra? (WHITE,

De acordo com Numbers (1986 p. 392) a adoção pela comunidade de geólogos do século XIX da perspectiva de que a Terra não tinha somente 6.000 anos (cfe. se tinha acreditado até aquela época em função da visão bíblica) fez com que a maioria dos religiosos procurasse acomodar a sua leitura da Bíblia com uma Terra antiga, e até mesmo os literalistas bíblicos aderiram a essa estratégia através da divisão da criação do Gênesis em dois momentos distintos, ou seja, o “no principio” indica a primeira criação que pode ter se dado a milhões ou bilhões de anos e os seis dias referem-se a uma segunda criação, a chamada Gap-Theory (teoria do intervalo) e outros foram ainda mais longe ao proporem que os dias do Genesis podiam ser interpretados como as sucessivas eras geológicas da história natural, o chamado *Criacionismo Progressivo*.

De acordo com o geólogo Nahor Neves de Souza Jr. que é professor de ciência e religião na Universidade Adventista de São Paulo (Unasp) os adeptos do Criacionismo Progressivo “consideram ter logrado conciliar, com sucesso, os longos períodos da coluna geológica (“ciência”), com prolongados atos criativos de Deus (“religião”), sem a necessidade de recorrer à hipótese da evolução.” Souza Jr. (2004, p. 150). No entanto, para EGW essas tentativas de “harmonização” entre ciência e religião estão baseadas em equívocos interpretativos principalmente por incentivar uma descrença na leitura literal do Genesis.

[...] a Bíblia não admite longas eras em que a Terra vagarosamente evoluiu do caos. De cada dia consecutivo da criação, declara o registro sagrado que constituiu de tarde e manhã, como todos os outros dias que se seguiram. No final de cada dia dá-se o resultado da obra do Criador. Faz-se esta declaração no fim do relato da primeira semana: “estas são as origens do céu e da Terra quando foram criados” (Gn. 2:4). Mas isto não confere a ideia de que os dias da criação eram diversos de dias literais. Cada dia foi chamado uma origem ou geração, porque nele Deus gerou ou produziu alguma nova porção de Sua obra. (WHITE, 2007, p. 70, 71).

A tentativa de harmonizar ciência e religião às vezes pode se assemelhar ao caso do remédio que se torna pior que a doença. Distorções em ambos os lados podem tornar essa mistura um tanto indigesta. Um exemplo desse tipo de integração problemática

(principalmente para aqueles que mantêm uma leitura literal do Genesis) pode ser visto no *Evolucionismo Teísta*, conceito que coloca a Deus direcionando o processo evolutivo e que é adotado principalmente por cientistas religiosos e pela Igreja Católica, mas que é rejeitado pelos adventistas do sétimo dia por solapar a leitura literal do texto bíblico. De acordo com Souza Jr. (2004 p. 150) este conceito é o que apresenta as maiores incoerências entre ciência e religião visto que ele implica em uma reinterpretação dos primeiros onze capítulos do Genesis, transformando-o em uma narrativa poética ou folclórica e destruindo assim a sua literalidade. Essa tentativa de harmonizar bíblia e evolução é também criticada pelos cientistas materialistas por invocar causas sobrenaturais em um processo natural. Por outro lado, temos as tentativas de integração típicas do criacionismo científico as quais tentam acomodar os achados da ciência a uma leitura literal da Bíblia, e como exemplo mais conhecido podemos citar o movimento da terra jovem, o qual é criticado pelos cientistas como uma tentativa de travestir a religião como ciência.

Podemos encontrar nos escritos de EGW dois posicionamentos explicativos sobre o conflito entre ciência e religião: O primeiro posicionamento atribui as contradições entre ciência e religião a uma compreensão imperfeita, seja por parte da ciência seja por parte da revelação,

145

Estas pessoas [que não creram no relatório do Gênesis] perderam a simplicidade da fé. Deve haver uma fé estabelecida na autoridade divina da santa Palavra de Deus. A Bíblia não deve ser provada pelas ideias científicas de homens. O saber humano é um guia indigno de confiança. Céticos que leem a Bíblia com o fim de cavilar, podem, mediante uma compreensão imperfeita, quer da ciência quer da revelação, pretender achar contradições entre elas; mas, corretamente entendidas, estão em perfeita harmonia. (WHITE, 2007, p. 114).

Parece-nos que a ideia de EGW aqui é que o conflito entre ciência e religião é apenas aparente e que é resultante da leitura/ interpretação incorreta do livro da natureza pelos cientistas e também do livro da revelação pelos religiosos, daí segue-se a conclusão de que os religiosos não precisam adotar estratégias conciliatórias que impliquem em uma leitura simbólica do texto bíblico a fim de harmonizá-lo com as declarações da ciência

visto que essas declarações da ciência estão fundamentadas em equívocos interpretativos.

O segundo posicionamento localiza a causa da discrepância unicamente na ciência, pois para Ellen G. White

Aquele que conhece a Deus e a Sua Palavra por experiência pessoal tem uma firme fé na origem divina das Santas Escrituras. Tem provado que a Palavra de Deus é a verdade, e que a verdade não se pode nunca contradizer a si mesma. Não prova a Bíblia pelas ideias e a ciência humanas; submetas, a estas, à prova da infalível norma. Sabe que, na verdadeira ciência, nada pode haver que esteja em contradição com o ensino da Palavra; uma vez que procedem ambas do mesmo Autor, a verdadeira compreensão delas demonstrará sua harmonia. Seja o que for, nos chamados ensinos científicos, que contradiga o testemunho da Palavra de Deus não passa de conjectura humana. (WHITE, 2004 p. 462).

Nesse sentido, parece que para EGW as escrituras são a norma para determinar a veracidade dos ensinos científicos, isso quer dizer que mesmo nos assuntos da ciência natural a leitura correta do livro da natureza é determinada pela interpretação literal do livro da revelação. Podemos perceber esse raciocínio através de dois exemplos principais: O primeiro exemplo implica em um conflito entre EGW e a perspectiva das ciências geológicas na questão da Idade da Terra:

Pretendem geólogos achar prova na própria Terra de que ela é muitíssimo mais velha do que ensina o registro mosaico. [...] Tal raciocínio tem levado muitos crentes professos na Bíblia a adotar a opinião de que os dias da criação foram períodos vastos, indefinidos. [...] Mas, fora da história bíblica, a geologia nada pode provar. (WHITE, 2007 p. 112).

Geólogos ateus afirmam que o mundo é muito mais velho do que indica o relato bíblico. Eles rejeitam o relato bíblico devido a certas coisas que para eles são evidências, da própria Terra, de que o mundo tem existido por dezenas de milhares de anos. E muitos que professam crer no relato da Bíblia não sabem como explicar maravilhosas coisas que se encontram na Terra, com o conceito de que a semana da Criação consistiu apenas de sete dias literais e de que o mundo tem agora apenas cerca de seis mil anos. Sem a história da Bíblia, a geologia não pode provar nada. Vestígios encontrados na Terra dão evidência de um estado de coisas que difere do atual em muitos aspectos. Mas o tempo de sua existência e durante quanto tempo essas coisas têm estado na Terra só devem ser deduzidos pela história da Bíblia. ... Quando os homens deixam a Palavra de Deus a respeito da história da Criação e procuram explicar as obras criadas por Deus valendo-se de princípios naturais, eles se encontram num ilimitado oceano de incertezas. Deus nunca revelou aos mortais exatamente como realizou a obra da Criação em seis dias literais. As obras criadas por Ele são tão incompreensíveis como Sua existência. (WHITE, 1992).

Segundo Heeren (2008) as visões de Ellen G. White tiveram um importante papel no desenvolvimento do movimento da Terra Jovem<sup>9</sup>, visto que seus escritos (os quais para os ASD's têm status de inspirados) converteram George McRady Price<sup>10</sup>, o qual por sua vez influenciou Henry Morris<sup>11</sup>, líder do atual movimento da Terra Jovem.

O segundo exemplo implica em um conflito entre EGW e a perspectiva das ciências biológicas na questão das origens da humanidade:

Considerando as oportunidades do homem para a pesquisa, bem como quão breve é a sua vida, limitada sua esfera de ação, restrita sua visão, frequentes e grandes seus erros nas conclusões especialmente relativas aos fatos julgados anteriores à história bíblica; considerando quantas vezes as supostas deduções da ciência são revistas ou rejeitadas, bem como com que prontidão os admitidos períodos de desenvolvimento da Terra são de tempos em tempos aumentados ou diminuídos em milhões de anos, e como as teorias sustentadas por diferentes cientistas se acham em conflito entre si - deveremos nós, para ter o privilégio de delinear nossa descendência pelos microrganismos, moluscos e macacos, consentir em rejeitar a declaração da Escritura Sagrada, tão grandiosa em sua simplicidade: "Criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou"? Gên. 1:27. (WHITE, 2008, p. 130).

No estudo das ciências, como geralmente é feito, há perigos igualmente grandes. A evolução e seus erros conexos são ensinados nas escolas de todas as categorias, desde o jardim da infância até às escolas superiores. Assim, o estudo da ciência, que deveria comunicar o conhecimento de Deus, acha-se tão misturado com as especulações e teorias humanas que propende para a incredulidade. (WHITE, 2008, p. 227).

Nessas passagens percebemos que a evolução é entendida por EGW como perigosa e errônea, ou seja, estamos aqui bem

9 Criacionismo da Terra jovem é a crença religiosa de que o Universo, a Terra, e toda a vida na Terra foram criados por atos diretos do Deus de Abraão, durante um período relativamente curto, em algum momento entre 5.700 e 10.000 anos atrás. Seus adeptos são primariamente Judeus e Cristãos que acreditam que Deus criou a Terra em seis dias de 24 horas, tendo uma interpretação literal da narrativa da criação em Gênesis como base para suas crenças. Conforme Wikipédia Termo "Young Earth Creationism".

10 De acordo com Numbers (2006), Price era um adventista do sétimo que se autodescrevia como geólogo e foi o principal arquiteto da geologia do dilúvio (autor de New Geology, 1923), o qual no início do século XX permaneceu praticamente sozinho na defesa da recente criação da vida e de um dilúvio que modificou a superfície da Terra, é um dos principais responsáveis pelo surgimento da ciência da criação e do criacionismo científico.

11 Autor juntamente com John C. Whitcomb do Genesis Flood (1961) e fundador da Sociedade de Pesquisa da Criação (Creation Research Society) o qual mantinha uma visão fundamentalista do Genesis e comprimia a vida na terra em um período de menos de 10.000 anos. (Numbers 2006).

longe de um posicionamento de harmonia entre os ensinamentos da ciência e da revelação bíblica conforme a leitura tradicional adventista. A contradição e o conflito se tornam claros na medida em que a crença adventista nos escritos de EGW vai exigir um posicionamento dos professores sobre como conciliar o ensino de ciências com essas declarações.

## AS IMPLICAÇÕES DAS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS

Desde a fundação do primeiro colégio adventista (1872) já havia uma preocupação de harmonização entre o ensino científico e o ensino religioso,

O colégio de Battle Creek foi estabelecido com a finalidade de ensinar as ciências e ao mesmo tempo levar os estudantes ao Salvador, de quem provém todo o conhecimento verdadeiro. A educação adquirida sem a religião bíblica é desvestida de seu verdadeiro brilho e glória. [...] O grande objetivo no estabelecimento de nosso colégio era apresentar pontos de vista corretos, mostrando a harmonia existente entre a ciência e a religião bíblica. (WHITE, 1996 p. 740).

148

Para os professores de ciência e para todos aqueles que valorizam a ciência e não querem abrir mão de seus princípios religiosos surgem então algumas importantes questões: como fazer a conciliação/harmonização entre dois modos aparentemente tão contraditórios de perceber o mundo?

Quais as implicações de tentar “harmonizar” as concepções científicas e com as doutrinas religiosas? Temos duas alternativas e ambas implicam em alguma forma de acomodação: a) acomodação das teorias científicas às interpretações bíblicas, ou inversamente; b) a acomodação das revelações do texto bíblico aos achados das ciências.

Os educadores em ciências Mahner e Bunge no artigo “É a educação religiosa compatível com educação em ciências?” apresentam uma marcante declaração sobre as implicações das tentativas de harmonização entre ciência e religião,

Ciência e religião podem somente coexistir se uma delas for distorcida. Por exemplo, alguém pode adotar uma visão positivista-fenomenalista ou instrumentalista da ciência, [...] ou alguém pode distorcer a religião

adotando uma mera postura pragmática, ou por considerar todas as suas doutrinas como mera alegoria ou poesia sem qualquer conteúdo cognitivo ou verdadeiro. [...] nós mantemos que a média das pessoas religiosas crê que tanto ciência como religião objetivam fazer declarações verdadeiras sobre o mundo. (MAHNER; BUNGE, 1996, p. 115).

É claro que para muitos outros autores não existem problemas em conciliar ciência e religião, no entanto, ao considerarmos o contexto religioso específico da educação adventista, o qual é claramente avesso a “considerar todas as suas doutrinas como mera alegoria ou poesia sem qualquer conteúdo cognitivo ou verdadeiro” (cfe. citação acima), ou seja, rejeita completamente a alternativa de acomodação das revelações do texto bíblico aos achados das ciências e também ao considerarmos o contexto atual do ensino da teoria evolucionista, o qual de maneira alguma indica um direcionamento para uma “visão positivista-fenomenalista ou instrumentalista da ciência”, temos de concluir que o que temos aqui é um cenário de conflito entre o materialismo científico (evolução) e o literalismo bíblico (perspectiva adventista) os quais “alegam que a ciência e a religião têm verdades literais e rivais a afirmar sobre o mesmo domínio (a história da natureza), de modo que é preciso escolher uma delas.” (Barbour 2004, p. 25). Portanto, Mahner & Bunge e Ellen G. White estão em concordância em pelo menos um ponto, “ao dizer que ninguém pode acreditar em evolução e em Deus ao mesmo tempo.” (Barbour 2004, p. 25).

No entanto, diante desse quadro de conflito é necessário que se pergunte: onde está a harmonia entre ciência e religião apresentada por EGW como objetivo da educação adventista?

Parece-nos que o preço para se manter a harmonia conforme proposta por EGW é tentar construir e apresentar uma ciência totalmente diferente da ciência conforme é praticada nos meios científicos da atualidade, parece ser exatamente essa a consequência da proposta de uma ciência criacionista conforme articulada pelos cientistas adventistas (Roth 1998; Brand 2005; Souza Jr. 2004). As implicações dessa harmonia é que os adventistas têm de construir uma ciência específica que leve em conta seus valores religiosos particulares, como exemplo disso, temos a questão dos livros didáticos de ciências publicados pela

Casa Publicadora Brasileira (editora dos adventistas do sétimo dia), cujo conteúdo está embasado em uma perspectiva teísta-criacionista. Ou seja, a harmonia entre ciência e revelação bíblica só pode existir dentro do círculo interno das crenças e instituições adventistas pelo menos ao considerar o paradigma de ciência que é adotado pela comunidade científica atual. Resta saber como os professores de ciências adventistas percebem essas relações.

## METODOLOGIA

Por tratar-se de um estudo de natureza subjetiva, buscando compreender concepções de professores e suas implicações na prática docente, optou-se por investir na profundidade da análise em detrimento da generalidade dos resultados. Tendo isso em conta foi adotada a abordagem qualitativa, por esta possibilitar uma maior compreensão do significado dos resultados, visto que é dada atenção ao contexto em que surge determinada problemática.

150

Em consonância com os objetivos de uma análise qualitativa foi selecionada uma amostragem pequena, considerando a viabilidade para a realização da pesquisa, a saber, a disponibilidade de tempo dos sujeitos e pesquisadores, a facilidade para encontrar os sujeitos, dentre outros. A amostragem foi escolhida a partir de alguns critérios: ser professor da rede adventista de ensino; lecionar a disciplina de ciências; ser adventista. O quadro abaixo apresenta o perfil dos depoentes:

**Quadro 1: Perfil Geral dos Entrevistados**

Prof.	Gên.	Idade	Formação	Série/ Ano que Ensina	Tempo de Trab. na R.A.	Tempo de Advent.
E1	M	27	Graduação em Biologia	EM	7 anos	18 anos

E2	F	19	Graduação em Enfermagem	5° ao 9°	---	9 anos
E3	F	32	Graduação em Biologia	6° ao 9°	1 ano	Desde o nasc.
E4	M	-	Graduação em Biomedicina	6° ao 9° e 1° ano do EM	2 anos e meio	Desde o nasc.
E5	F	24	Graduação em Matemática	6° ao 9°	1 ano	16 anos
E6	M	34	Graduação em Biologia; Especialização em Nutrição Humana e Saúde	EM	5 anos	17 anos
E7	F	26	Graduação em Biologia; Especialização em Educação e Gestão Ambiental	5° ao 7° ano	1 ano	10 anos

Fonte: Pesquisa de campo (2012)

Como se pode observar, a amostra foi heterogênea no que se refere ao gênero, havendo uma mistura de homens (3) e mulheres (4). A idade do grupo variou entre 19 e 34 anos. Apesar de a área de formação não ter sido um critério de inclusão/exclusão, há uma predominância de professores com graduação na área de ciências naturais (4/2), o que, certamente interfere nos achados da investigação, visto que esta área proporciona ou deveria proporcionar um maior conhecimento das teorias das origens. Torna-se relevante destacar a série/ano de atuação desses professores. Todos lecionam a partir do 5° ano do ensino fundamental e 3 deles, lecionam no Ensino Médio (EM). O tempo de atuação na rede adventista altera de 1 a 7 anos, o que pode interferir nos resultados, já que o fator tempo pode proporcionar uma maior compreensão e aceitação da filosofia da educação adventista. E finalmente, o tempo de adventista dos professores (a partir de 9 anos) também pode ter influenciado nos resultados, pois a concepção que eles têm de Deus, do criacionismo e da

igreja é diretamente afetada por este tempo.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista, uma vez que esta “é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca de suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.” (SELLTIZ et al., 1967, p. 273 apud GIL, 2007, p. 117).

As entrevistas foram gravadas e, em seguida, suas respostas foram transcritas para uma análise mais exata dos dados. As respostas foram classificadas em categorias e subcategorias, a depender do assunto de que tratava e em seguida, os dados foram explorados à luz da teoria.

A pesquisa foi desenvolvida nas escolas da rede adventista de ensino que estão localizadas nas cidades de Salvador e Cachoeira, BA. Do grupo de docentes dessa rede, foram selecionados os professores de Ciências que são membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

152

Os dados coletados foram analisados através de reflexões críticas sobre o assunto estudado. De acordo com Creswell (2010, p. 216), “o processo de análise dos dados envolve extrair sentidos dos dados do texto e da imagem.” Envolve, também, preparar os dados para serem analisados, adentrar profundamente no processo de compreensão dos dados, conduzir diferentes análises e sob diferentes pontos de vista e trata-se de um “processo permanente, envolvendo reflexão contínua sobre os dados, formulando questões analíticas e escrevendo anotações durante todo o estudo.” (p. 217).

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Vamos apresentar a seguir algumas perspectivas de relação entre ciência e religião e suas possíveis implicações para o ensino de ciências na rede de educação adventista.

## INFLUÊNCIA DE ELLEN G. WHITE

Quando questionados sobre qual seria a influência dos escritos de EGW sobre a sua prática de ensino de ciências no que concerne às questões das relações entre ciência e religião e se utilizam ou não livros ou citações de EGW como fundamento teórico para as aulas de ciências os professores responderam

P2 influência de EGW justifica-se pelo fato de ela ser uma das escritoras mais traduzidas do mundo “*Ellen White foi uma das maiores escritoras existentes da face da terra, um dos maiores livros publicados em todas as linguagens do mundo e ela contribuiu significativamente para que a ciência crescesse em torno dessa área religiosa.*”

Para P5 o uso de EGW no ensino de ciências está relacionado a uma não demonstração de conhecimento especializado nas áreas onde ela se pronunciava

[...] com certeza ela tem um vasto material sobre todas as áreas, então não tem como a gente não aproveitar e utilizar na área do organismo, em todas as áreas, constelações, saúde. Inclusive como pode uma pessoa que fez só a 4ª série ter todo esse conhecimento, esse embasamento.

153

Aquilo que parece ser tão contraditório em uma perspectiva tradicional de autoridade científica pode ser entendido no contexto religioso adventista, o fato de EGW não ter uma educação formal é considerado um indício de que as informações presentes em seus escritos têm a sanção da divina revelação, ou seja, são dignas de crédito, pois provem da mesma fonte de onde veio a Bíblia. Conforme a crença 18 (O Dom de Profecia) das 28 crenças fundamentais dos adventistas do sétimo dia

Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica da igreja remanescente e foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à igreja. Eles também tornam claro que a Bíblia é a norma pela qual deve ser provado todo ensino e experiência. (NISTO CREMOS, 2008 p. 276).

Longe de tentarem minar o status da ciência como portadora de conhecimentos “verdadeiros”, para os professores adventistas é muito importante obter a sanção da ciência sobre

os escritos de EGW, ou seja, a ciência é convocada para confirmar a veracidade das declarações da escritora inspirada,

[...] sobre a saúde a gente vê uma coisa interessantíssima. Ellen White falava que tipo de coisa não podia se misturar, sobre comer e tal. E hoje a gente vai para faculdade no estudo de biomedicina, e [...] o professor fala justamente sobre isso, [...] E a gente vai descobrindo essas coisas e a gente vai vendo que isso foi revelado por Deus e que está comprovando tudo isso agora. P4

A partir das declarações dos professores de ciências adventistas concluímos que EGW ainda hoje goza de uma grande influência sobre suas crenças e supomos também que essa influência se estende sobre as práticas de ensino de ciências na rede educacional adventista. Devido ao status de escritora inspirada as informações contidas em seus escritos quanto ao mundo natural (para não mencionar no campo doutrinário religioso) são percebidas enquanto verdades que devem ser aceitas e seguidas e a ciência é muitas vezes utilizada para comprovar a veracidade de seus escritos.

154

## UTILIZAÇÃO DE EGW NAS AULAS DE CIÊNCIAS

Também foi perguntado aos professores se eles utilizam livros ou citações de EGW como fundamento teórico para as aulas de ciências, a maioria respondeu que sim, dando alguns razões para isso,

Na perspectiva de P1 os escritos de EGW trazem um conteúdo adicional à Bíblia “É... EGW traz muitas informações mais detalhadas sobre os escritos bíblicos e isso é utilizado de maneira mais enfática em sala de aula como sendo um referencial teórico a mais do que a Bíblia.” Para P2 trata-se de enriquecer a aula de ciências através do uso de um modelo harmonioso entre ciência e religião “Na verdade ela associou a religião e a ciência. Ela fez com que a religião e a ciência pudessem caminhar juntas, então a gente lança mão né desses escritos, desses textos que ela usa para que a gente possa enriquecer a nossa aula.”

Para P3 a principal razão é que EGW explica certos assuntos de ciências que não são esclarecidos pelo livro didático,

Eu me encanto, é impossível não usar, porque ela me ajuda a entender alguns

assuntos que eu não consigo entender em livros didáticos, por exemplo, eu já estudei muito sobre vulcões. Quando eu li Patriarcas e Profetas que eu vi lá quando ela fala sobre o que aconteceu na terra depois do dilúvio, [...] porque que existem fósseis, então tudo isso me ajuda em nível de pesquisa para eu passar para meus alunos. É encantador.

No entender de P5 o que pesa é o fato de os escritos de EGW abrangerem vários assuntos “[...] *com certeza ela tem um vasto material sobre todas as áreas, então não tem como a gente não aproveitar e utilizar na área do organismo, em todas as áreas, constelações, saúde.*”

No entanto, um dos professores (P6) demonstrou uma visão bem diferente dos anteriores, ao responder que não utiliza EGW nas suas aulas de ciências e ele justificou esse posicionamento através dos seguintes argumentos, “*Não, não. Eu leio Ellen White [...] e a leitura que eu tenho de Ellen White, dentro do livro ‘Educação’, ‘Conselhos aos pais, professores e estudantes’, ela é mais uma coisa pessoal do que em sala de aula. Eu não cito.*”

Para P6 o uso dos escritos de EGW nas aulas de ciências é uma mistura indevida de conteúdo religioso com conhecimento científico

[...] pra mim, a introdução de Ellen White dentro da sala de aula enquanto explicação de conteúdo, eu tô trazendo religião, eu tô trazendo uma crença específica da igreja Adventista do Sétimo Dia, mesmo eu estando dentro de uma instituição Adventista do Sétimo Dia, eu acho que isso ainda fere um pouco a ética do professor enquanto professor pra aquele aluno, porque pra mim, mesmo ela se referindo às ciências, aquilo deve ser dado não numa aula de ciências.

O interessante é que esse mesmo professor é favorável ao ensino de criacionismo nas aulas de ciências e ele explica essa aparente contradição com o argumento de que,

Criacionismo é bíblico. Então existe uma diferença em Ellen White, que é uma crença específica da igreja Adventista, que cita que profetas poderiam aparecer e criacionismo que tá lá em qualquer bíblia para qualquer crença cristã “No principio criou Deus o céus e a terra” então eu consigo diferenciar essa coisa da crença mas específica em Ellen White e da mais abrangente, Bíblia.

P6 também parece demonstrar uma preocupação em respeitar a liberdade dos alunos e em que eles entendam que se

trata de verdades religiosas pessoais e não de verdades científicas.

[...] então assim, eu apresento como a minha verdade, a verdade que eu creio, mas eu sempre procuro deixar o aluno aberto a ele a pensar que quiser e procuro ouvir dele o que ele traz mesmo que em algumas aulas eu consiga debater com ele necessariamente “eu não posso empurrar a minha crença goela à baixo” eu não gosto disso, não é a minha pratica.

Concluimos que para a maioria dos professores não há nenhum problema em utilizar os escritos de EGW como material de apoio no ensino de ciências, de fato, alguns utilizam as informações contidas nesses livros como fonte de explicações para assuntos da área das ciências naturais (causa dos fósseis, vulcões, causas de doenças, práticas de saúde etc.).

## OS ESCRITOS DE EGW NA SOLUÇÃO DAS CONTRADIÇÕES ENTRE CIÊNCIA E BÍBLIA

156

Os professores foram questionados quanto ao peso dos escritos de EGW na solução das contradições entre as teorias científicas e as doutrinas religiosas adventistas. Todos os professores declaram possuir uma crença na autoridade inspirada de EGW, no entanto, a ciência se faz bem presente na justificação dessa autoridade como se vê na declaração abaixo,

[...] sim acredito, até porque muitas coisas que ela escreveu já foi comprovado.  
[...] sobre saúde e muitas e muitas outras coisas; sobre o mundo pós diluviano.  
Então muitas coisas que ela já falou já foram comprovadas e muitas outras serão. Eu acredito piamente no que ela fala. P2

Para P3 e P5 o peso dessa autoridade está na fundamentação bíblica de EGW “[...] *Por acreditar em Deus nós estudamos a Bíblia, o que ela fala está baseado na Bíblia.*” (P3) e “*eu concordo com o que ela fala, porque há comprovação casando com o que a palavra de Deus diz, porque tem a palavra de Deus como regra de fé, como o livro principal para que possa nortear minha vida, minhas crenças.*” (P5).

P4 acrescenta que EGW se baseia na Bíblia e que a própria Bíblia é um livro de onde se podem retirar informações históricas fidedignas,

[...] corretamente está baseado na Bíblia e a própria Bíblia é um livro histórico e se a gente pegar a Bíblia para analisar as suas datas o que ela fala sobre pessoas que viveram, então você vai perceber realmente que a terra não existe a bilhões de anos e que foi uma coisa criada por Deus e que o início disso tudo foi a partir de Adão e Eva para cá na história da criação.

P7 demonstra uma confiança explícita na questão da resolução da idade dos fósseis *“Os fósseis, né, eles pegam e diz, num sei quantos milhões de anos né. Resolve, sim. Com certeza!”*

P6 procura distinguir entre o que é doutrina bíblica e o que é informação obtida a partir dos escritos de EGW, entre crença e conhecimento científico, também destacando que a crença nos escritos de EGW como inspirados é uma crença específica dos adventistas do sétimo dia, e não deve ser imposta aos alunos,

[...] Ela tem um peso. Mas é como eu lhe disse, é um peso muito mais pessoal do que científico. Eu não levo aquilo enquanto, é, um estudo científico, eu disse: olhe, quando eu apresento um texto como esse ao aluno, antes de apresentar o texto primeiro eu levo aquilo ali como um estudo uma visão específica da igreja Adventista, nesse momento eu me pronuncio como Adventista, como professor que tem uma crença específica no relato dela como sendo algo inspirado por Deus algo que pra mim constitui, sim, em verdade. Se pra ele pra se vai se constituir em verdade ou não, isso vai ter que, vai partir da análise que ele vai fazer disso, mas eu quero que ele tenha, que ele consiga enxergar que existem outras visões, outras formas diferentes. Isso tem um impacto muito forte em mim. Tipo, eu acredito, mas a partir do momento que mostro para meu aluno eu digo a ele eu acredito e que a igreja Adventista trabalha dessa forma. Digo a eles somos uma escola Adventista e a nossa filosofia passa por essa verdade, essa é uma verdade nossa, agora cabe a você estudar e comparar essas duas verdades que você tem e ver que peso isso vai ter na sua vida.

Concluimos que a utilização de EGW para resolver as contradições entre as afirmações da ciência e as declarações da Bíblia na perspectiva dos professores de ciências está fundamentada na relação entre os escritos de EGW com duas outras fontes de conhecimentos. Ora com a ciência, ora com a Bíblia, no entanto, um maior peso é dado quanto à concordância dos escritos de EGW com a Bíblia, o que revela que esses professores tem em alta conta a revelação bíblica não só como fonte de verdades mas também como critério de verdades.

Para os professores de ciências quando surgem dúvidas sobre como determinada passagem da escritura deve ser interpretada (especialmente na questão da interpretação do

Gênesis) os escritos de Ellen G. White (devido ao status que eles desfrutam no contexto adventista) servem como fiel da balança na decisão de qual posicionamento adotar, ou seja, rejeição do evolucionismo e de qualquer tentativa de conciliar evolução e criação e adoção de uma perspectiva literalista sobre as Escrituras e criacionista em relação às origens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores de ciências adventistas da rede adventista de ensino enfrentam um dilema interessante em sua prática pedagógica, o qual consiste em como conciliar o ensino de ciências conforme o currículo oficial com sua ênfase na teoria evolucionista e as suas profundas convicções religiosas criacionistas. Um fator muitíssimo importante nesse dilema é o papel desempenhado pelos escritos de Ellen G. White, (pioneira e principal fundamentação teórica da educação adventista) os quais os professores têm em alta conta e chegam mesmo a utilizá-los como inspiração para suas aulas de ciências.

158

As relações entre ciência e religião que transparecem dos escritos de Ellen G. White é uma relação ambivalente de harmonia e conflito, uma harmonia que se constitui pela crença de que não pode haver conflito real entre as verdades do livro da revelação (Bíblia) as verdades do livro da natureza (Ciência) visto que ambas tem o mesmo autor, o qual não se contradiz e que, portanto as aparentes contradições são devidas as interpretações equivocadas sejam por parte dos interpretes da Bíblia sejam por parte dos cientistas. A consequência disso é o conflito entre o sentido das escrituras conforme defendido nos escritos de Ellen G. White (nos quais predomina uma visão literalista do Genesis e que implica em uma crença criacionista que afirma que o homem foi criado à imagem de Deus em um período de 24 horas) e as interpretações conciliadoras que procurar adequam o relato bíblico às declarações da ciência.

Parte do dilema se resolve (pelo menos para os professores de ciência adventistas que trabalham em instituições adventistas) por conta do contexto de trabalho onde os professores

atuam, ou seja, dentro da estrutura de uma rede confessional de ensino que mantem a crença criacionista como um dos seus pilares no entendimento das origens do mundo e do ser humano, isto significa que é dentro dos muros das escolas adventistas que os professores se sentem mais a vontade para declararem e ensinarem as suas crenças.

Somando-se a essa solução intramuros, outra tentativa de solução para o dilema é utilizar a própria ciência como apoiadora do relato bíblico e dos escritos de Ellen G. White, ou seja, as declarações da ciência podem ser usadas para “comprovar” a veracidade da Bíblia e das afirmações contidas nos escritos de Ellen G. White. No entanto, quando as afirmações da ciência são contrárias à interpretação bíblica e aos escritos de Ellen G. White elas são consideradas equivocadas, ou seja, os professores encaram a ciência de forma muito seletiva, ora negando, ora confirmando suas declarações de acordo com o grau de adesão dessas declarações às suas crenças.

A implicação disso para o ensino de ciência é uma ênfase na complexidade exibida pelos seres vivos a qual aponta na direção não de forças do acaso e necessidade, mas sim de um Deus todo inteligente e todo poderoso que organizou os sistemas para sustentar a vida. A negação da teoria da evolução (apesar de ser ela parte do currículo da escola adventista) se dá não no sentido de esta não ser apresentada, mas no sentido de lhe ser negada qualquer privilégio epistemológico na explicação das origens e esse é o tópico que talvez mais mobilize as estratégias pedagógicas dos professores de ciências adventistas da rede adventista de ensino.

Resta saber como se comportam os professores de ciências não adventistas que atuam na rede adventista e quais as possíveis estratégias que eles adotam para o ensino de ciências. Outro tema que se abre para futuras pesquisas é a busca de estratégias que os professores de ciências adventistas ou não adventistas podem adotar para o ensino de evolução na rede adventista ou fora dela que seja culturalmente sensível às crenças dos alunos, ou seja, um ensino que seja fiel ao mandato pedagógico de ensinar corretamente esse conteúdo e ao mesmo tempo respeitar e levar em conta as crenças criacionistas dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Denis. **Modelos para relacionar ciência e religião**. Disponível em: < [www.st-edmunds.cam.ac.uk/faraday](http://www.st-edmunds.cam.ac.uk/faraday) >. Acesso em: 13 de março. 2011.

BARBOUR, Ian. **Quando a ciência encontra a religião: inimigas, estranhas ou parceiras**, tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRAND, Leonard. **Fé, Razão e História da Terra**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2005.

CADWALLADER, Edward Miles. **Principios de la educación adventistas en el pensamiento de Elena White: filosofia, objetivos, métodos y misión**, México: Adventus, 2010 .

160

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad. Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DOUGLASS, Herbet. **Messageira do Senhor: ministério profético de Ellen G. White**. Trad. José Barbosa da Silva. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

IASD. Seventh-Day Adventist Church. Department of Education. **The General Conference Education Team**. Disponível em: <<http://education.gc.adventist.org/about.html>>. Acesso em: 28 mai. 2011.

PEDAGOGIA ADVENTISTA. **Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 2. Ed. Ver. E atual. Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

MAHNER, M., & BUNGE, M. **Is religious education compatible with science education?** *Science and Education*, 5, 1996, pp. 101-123.

NISTOCREMOS. **As 28 crenças fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

NUMBERS, Ronald L. **The Creationists: From scientific creationism to intelligent design.** Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.

SUÁREZ, Adolfo S. **Redenção, liberdade e Serviço: os fundamentos da pedagogia de Ellen G. White,** São Paulo: Unaspress, 2010.

WHITE, Ellen. **Exaltai-o: Meditações Matinais.** São Paulo Casa publicadora brasileira, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mente, caráter e personalidade.** 3. ed São Paulo Casa publicadora brasileira, 1996. 161

\_\_\_\_\_. **A ciência do bom viver.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. **Patriarcas e profetas.** Tradução de Flávio L. Monteiro. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. **Educação.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

Enviado 12/05/14

Aceito 12/06/14

